

Saldo e ocultação dos Seminários da Salvação do Mundo

Pedro Eiras*

Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada

Resumo: Reflexão final sobre os Seminários da Salvação do Mundo (2020-2025) e os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* (2021-2026).

Palavras-chave: Seminários da Salvação do Mundo, *Materiais para a Salvação do Mundo*, saldo, ocultação

Abstract: Final reflection on the Seminars on the Salvation of the World (2020-2025) and the *Materials for the Salvation of the World* booklets (2021-2026).

Keywords: Seminars on the Salvation of the World, *Materials for the Salvation of the World* booklets, balance, concealment

Sobre a salvação do mundo – ainda haveria tanto, sempre, para dizer – mesmo que falássemos mil dias, ou mil noites, ou mil e uma noites, adiando o fim, numa insónia ideal. Seria preciso dizer, por exemplo, com Almada Negreiros, em *A Invenção do Dia Claro*, estas palavras –

Entrei numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida.
Não chegam, não duram nem para metade da livraria.
Deve certamente haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, senão estou perdido.
(2005: II)

Suponho que tod@s somos atravessad@s por esta angústia: não teremos tempo para ler todos os livros. Em rigor, não sei até que ponto queremos realmente ler todos os livros: talvez queiramos apenas ler os livros certos. Mas também não sei como encontrar os livros certos sem tentar ler todos os livros, incluindo os errados. E se Almada nos deixa assim com uma visão algo disfórica dessa salvação do nosso mundo pessoal, o título do livro parece-me animador: o dia claro é – deve ser – inventado por nós.

Seria preciso dizer também, com Alexandre O'Neill –

Garanti-nos, meu Deus, um pequeno absurdo cada dia,
Um pequeno absurdo às vezes chega para salvar.
(1995: 544)

E estes versos estão no livro *O Princípio de Utopia, o Princípio de Realidade seguidos de Ana Brites, Balada tão ao Gosto Popular Português & vários outros poemas* – um título deliciosamente caprichoso. Talvez O'Neill permita resgatar um pouco da disforia que encontrámos em Almada: agora qualquer absurdo parece suficiente para salvar as nossas vidas. Entre a impossibilidade de ler todos os livros (mas encontrando às vezes o livro certo para o momento certo) e o pequeno absurdo que pode salvar uma vida inteira – suponho que temos algum espaço de manobra, ou seja: nem tudo está condenado à partida.

Mas isto é apenas um par de citações, entre tantas outras possíveis, para começar a mostrar quanto a salvação pode ser o contrário de si própria, tão fácil e tão difícil, tão impossível e imanente.

★

Quero, pois, falar um pouco dos Seminários do Fim do Mundo e dos Seminários da Salvação do Mundo, em jeito de saldo, relatório, retrospectiva.

Vale a pena lembrar que o fim do mundo esteve para acontecer no dia 21 de Dezembro de 2012. Quero dizer: um suposto fim do mundo conforme uma leitura

muitíssimo livre de um antigo calendário maia. Narrativa ligeira – que permitiu aliás uma exploração comercial lucrativa. Ou seja, nesse dia, nessa noite – já um pouco distantes e esquecidos de todos nós –, houve quem acreditasse (ou fingisse acreditar) que o mundo acabaria; donde jantares, festas, programas em hotéis, bebedeiras, e ressacas no dia seguinte.

Como o mundo não acabou, em 2013 achei que valeria a pena começar a estudar o assunto. Por isso, organizámos, no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, uma sequência de Seminários do Fim do Mundo: durante seis anos os mais variados palestrantes falaram sobre o imaginário e a representação do fim, nomeadamente a partir da literatura, das artes em geral, mas também da política, da antropologia, da religião, enfim, nas mais diversas abordagens possíveis. Quatro vezes por ano, perto de cada equinócio e cada solstício, um seminário explorava este tema múltímodo.

Em Dezembro de 2018, na última sessão do ciclo, apresentei uma palestra final, intitulada «Saldo e ocultação dos Seminários do Fim do Mundo». Tratou-se de fazer o saldo, um sumário daquilo que encontrámos ao fim de tantos debates; mas também de realizar uma ocultação dos seminários. Nessa altura, expliquei o que quis dizer com essa estranha palavra. Permito-me citar um excerto do texto que li nessa altura, e vim a publicar pouco depois:

Em 1975, o *Collège de 'Pataphysique*, que explora e glosa a obra de Alfred Jarry, decidiu entrar em «ocultação»: deixou de se manifestar publicamente, sem contudo deixar de existir. Agrada-me sobremaneira esse registo ambíguo, que finta ao mesmo tempo a ideia de «continuidade» e a ideia de «fim», levando o *Collège* a uma (in)existência virtual, isto é, simultaneamente existindo e não existindo. Neste mesmo sentido, declararei dentro em pouco, não o fim nem a continuidade, mas a Ocultação dos *Seminários do Fim do Mundo*. (Eiras 2020: s/p)

Não o fim nem a continuidade, nem o princípio do mundo, calma, é apenas um pouco tarde, poderia dizer Manuel António Pina (2013) noutro contexto... Pois bem: não encerrar, não continuar seminários, mas ocultá-los – permitir que fizessem a partir daí um trabalho subterrâneo. 2019 foi portanto um ano «sabático»: de descanso.

Os Seminários da Salvação do Mundo começaram em 2020. E seguimos um modelo diferente. Alterámos o calendário: em vez de quatro sessões espalhadas pelos equinócios e solstícios, escolhemos um modelo intensivo, de sessões em quatro dias seguidos. Em rigor, nesse primeiro ano, ainda houve uma sessão em Março; mas as seguintes foram a 2, 9 e 16 de Dezembro. Nos anos seguintes, os seminários decorreram sempre em quatro dias seguidos. Há uma razão para isto ter acontecido (e também para passarmos a um modelo de encontros online): a pandemia de Covid-19, que impôs um recolhimento global e todo um novo modo de existir, a que tivemos de

nos habituar praticamente da noite para o dia.

A pandemia foi há tanto tempo – seis anos já –, e há tão pouco tempo. Foi ontem. Habitúamo-nos a viver debaixo de certas regras, bem ou mal aprendidas; fomos perdendo alguma estranheza, falou-se de um «novo normal», demos por adquirido o receio e a reserva. Até que terminou o confinamento, e depois a própria a pandemia – muito embora o Covid-19 continue a existir.

Para mim, o mais relevante desse tempo de confinamento foi a instalação do medo do contágio, a percepção do outro como virtual contaminador. É estranho pensar a dimensão da alteridade a partir desse contágio latente, e a ideia de salvação nesse contexto de desconfiança. Também é estranho pensar que, no momento em que tínhamos mais medo e nos fechávamos tanto, o número de infectados era relativamente pequeno, ao passo que, quando o número de contágios começou a crescer, perdemos o medo e passámos a andar outra vez na rua – o que significa que o medo nem sempre acompanha a dimensão das ameaças.

Quanto aos seminários: passámos a dialogar à distância, com o ganho evidente de conseguirmos um público internacional e termos convidados dos vários pontos do planeta, sem a dificuldade de encaixar viagens difíceis e dispendiosas em agendas sobrecarregadas. E, porque estou a gizar um saldo dos Seminários, decerto vale a pena lembrar que tivemos 61 palestrantes, donde 24 registos vídeo – disponíveis no Youtube –, mais 14 libretos publicados, incluindo 54 artigos diferentes – acessíveis no site do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, em www.ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/series/libretos.

Ao fim destes seis anos dedicados à ideia de fim do mundo, mais um ano sabático, mais seis anos em torno da salvação do mundo, o que me interessa sublinhar é a beleza de pensar em conjunto: 61 vozes para pensar, outras tantas biografias, linguagens, pontos de vista sobre o mundo, discutindo, discordando, repensando o próprio desafio de seminários sobre o que é «salvar», num dialogismo sempre surpreendente. 61 abordagens, áreas científicas, experiências livres, partilhas pessoais, quantas vezes em tom autobiográfico – porque tod@s@s palestrantes algo de si própri@s. Nenhuma abordagem que não fosse um espelho das preocupações de cada qual.

*

Os seminários – e depois os textos publicados – partiram de algumas perguntas que foram colocadas logo em 2020. Repito-as mais uma vez aqui, mesmo se já surgiram um pouco por todo o lado – nas cartas-convite, nos materiais de divulgação, nas notas de abertura dos próprios libretos:

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como

podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? (Eiras 2021: 7)

Estas perguntas já obtiveram muitas respostas – 61 respostas por assim dizer –, e portanto seria um tanto ocioso eu repeti-las agora. Mas permito-me assinalar pelo menos uma resistência insistente: diria que, pelo menos uma vez por ano, um palestrante, uma palestrante reagiu em relação à palavra «salvar», considerada ambígua, ou perigosa, ou ideologicamente saturada. Talvez «salvar» seja um vocábulo conflituoso, a fazer lembrar determinados projectos de uma modernidade esmagadora: às vezes «salvar» significa destruir o diferente. Mas também não sei se haveria um vocábulo melhor. Na sexta série dos Seminários da Salvação do Mundo surgiu uma eventual solução: pensar, não a salvação do mundo, mas as possibilidades de mundo. Em vez de uma salvação no singular, a multiplicação de possibilidades de mundo. Valerá a pena continuar a pensar esta pista.

A este propósito, queria propor também outra ideia. Em tempos de modernismo (ou de modernismos), há um século, o trabalho das artes era muitas vezes destruir. As artes no começo XX pareciam assumir uma missão aniquiladora: a missão de lutar contra o mundo. A minha pergunta talvez seja agora: por que razão, cem anos mais tarde, sentimos tanta necessidade de salvar o mundo? Por que razão, depois do furor apocalíptico, sentimos tanta necessidade de repensar o cuidado do mundo? O que se passa com o nosso mundo (e, já agora, com a criação artística) que nos obriga a mudarmos radicalmente de operação?

Não sei se sei responder a esta pergunta, mesmo depois de ouvir 61 vozes durante seis anos de seminários. Talvez possa constatar isto: de muitas maneiras, o mundo parece em ruínas. Ou pelo menos na iminência de catástrofes irreversíveis: qualquer jornal nos mostra que estamos a brincar com o fogo.

Os problemas são mais que muitos. E fazer uma lista vai sempre pecar por omissão. Mas está à vista de tod@s que nos encontramos no limiar de colapsos ambientais, com a extinção de habitats, de espécies. Estamos a acompanhar o crescer de políticas do ódio, como nem julgávamos que ainda pudessem acontecer no século XXI, depois de toda a história trágica da humanidade nos últimos séculos. Estamos perante uma legitimação do racismo, da xenofobia. Há formas de neocolonialismos que nem se escondem. A misoginia surge legitimada mesmo em altas instâncias do poder. A extrema-direita cresce dia após dia, e a democracia tal como a dávamos por adquirida, como defesa das minorias e dos direitos de tod@s, encontra-se perante um desafio, senão mesmo uma crise de dimensões colossais. É preciso também pensar a distribuição da riqueza, no momento em que um magnata acaba de acumular 500 biliões de dólares. É preciso falar das guerras: a invasão da Ucrânia, o genocídio em Gaza. Falar da desinformação, das *fake news*, da quase impossibilidade de destrinçar o factual do manipulado. É preciso pensar a censura dos livros em curso – e nem

tanto em Portugal quanto nos Estados Unidos. É preciso pensar o crescimento impressionante da inteligência artificial nos últimos anos, como foi acontecendo durante os seis anos dos Seminários da Salvação do Mundo. É preciso pensar um certo modo de estar burocrático, acelerado, apático e alienado que nos conquista a tod@s de cada vez que perdemos tempo em pequenos ecrãs – onde consumimos, sem assimilar, informação a uma escala assustadora.

Seria preciso falar ainda da chamada «crise das humanidades». É um tópico que aparece um pouco por todo o lado e compreende-se porquê. De facto, em pleno século XXI, as humanidades não são o que eram há dez, quinze, vinte anos, no ano 2000, nos séculos XX, XIX, XVIII... Mas quero enfatizar que as humanidades sempre estiveram em crise, que não há humanidades sem estado de crise. Dos antigos gregos para os antigos romanos, como não pensar uma crise? Dos romanos para a Idade Média, há uma crise impressionante. O que é o Renascimento senão uma crise da cultura medieval? E o que é o Iluminismo senão – etc.? Em rigor, as humanidades vivem sob a crise, e agora acrescento que – isso é bom. A crise das humanidades foi altamente produtiva nos últimos 3000 anos. Quero dizer que temos sabido aprender muitíssimo com o modo como o conhecimento, em vez de estabilizar, entra numa crise que é uma autocrítica, uma reinvenção de si próprio.

E isto obriga-me a dizer que – eis a minha contratese – as humanidades não estão em crise. Assumo agora com o mesmo vigor que as humanidades não estão, nunca estiveram em crise. Olho à minha volta e vejo inúmeros leitores, estudiosos, pesquisadores, estudantes, professores. Vejo colóquios, publicações, livros digitais, a invenção de novas abordagens, a teoria queer, o pós-colonialismo, a ecocrítica, a interrogação da pós-modernidade ou da meta-modernidade. Admito que, muitas vezes, a produção científica é apressada e superficial. Mas não há como não celebrar a criação de tantas linguagens, tanto acesso fácil aos livros, tanta possibilidade de comunicar rapidamente. Nunca vi tanta preocupação com formas desprezadas de literatura, por autores esquecidos, pela possibilidade de questionar a história das humanidades. A haver aqui uma crise, ela coincide com a possibilidade de uma reinvenção. E, no instante em que vejo 61 pessoas a explorarem, através das mais variadas abordagens, o que é o mundo e por que razão «salvar» é a palavra errada, pois bem: não posso senão ficar muito contente com este saldo.

*

A propósito do verbo «salvar», regresso ainda a estes versos famosos de Friedrich Hölderlin:

onde há perigo, cresce
Também o que salva
(1802: 407)

Estamos no poema «Patmos»: a ilha onde João recebe a revelação divina do fim dos tempos, donde o fim do mundo, donde – estamos no nosso tema. Mas onde há perigo e destruição, crise e cataclismo, diz Hölderlin, cresce também aquilo que salva.

De imediato, leio também António Franco Alexandre, versos que encontro num livro muito recente, *Carrocel*:

O trabalhoso verso, quando serve
ou salva, é quase por acaso.
(2021: 587)

Franco Alexandre tem mais reservas. «Quase por acaso», escreve. Quando o verso salva, se o verso salva, não é por mérito, também não é por simples acaso. Às vezes salva e às vezes não, às vezes serve e às vezes não, e quando salva é quase por acaso. Estamos muito longe da possibilidade salvífica de Hölderlin. Em Franco Alexandre, duzentos anos mais tarde, a salvação é quase ocasional. O que merecia uma leitura bastante mais extensa, que não poderei fazer aqui.

Mas gostava de avançar para algumas respostas experimentadas nos seminários. Talvez a literatura, a poesia, as outras artes possam dar alguma resposta a essa lista tenebrosa de ameaças que elenquei. Talvez a literatura possa pelo menos construir mundos – regresso à ideia da abertura de possibilidades. Construir mundos está longe de ser ocioso: é a possibilidade de sair do nosso mundo, contrapondo-lhe modelos divergentes, contraditórios, outros. Ou então, em vez de construir outros mundos, talvez se possa construir outras leituras do mundo. E porque o nosso mundo é apenas a leitura que fazemos dele, os dois termos da equação praticamente coincidem. Ora, a este nível, parece-me que o verbo «salvar» pode ser mais uma vez resgatado. «Salvar», ou seja: inventar, mas também cuidar de, prestar atenção a, inaugurar mundos dentro do mundo, salvaguardar mundos colocados à margem.

Também a este propósito gostava de partilhar um par de exemplos. Por exemplo: Roland Barthes, no livro póstumo *La Préparation du roman*, quer dizer, as aulas dadas no Collège de France nos anos 1978-79 e 1979-80. Barthes está a falar da tradição do *haïku* japonês – da subtilidade. E comenta:

a *Poesia* em particular seria a prática da subtilidade num mundo bárbaro. Onde a necessidade de lutar *hoje* pela Poesia: a Poesia, dir-se-ia, devia fazer parte dos Direitos do Ser Humano; ela não é «decadente», é, pelo contrário, subversiva: é subversiva e vital porque é precisamente aquilo que é visado pelo gregarismo, pela barbárie, pelo cancelamento das nuances, dos particulares, das individuações (e não dos indivíduos).
(2015: 139)

São frases lapidares – deste livro que Barthes nunca publicou, recolha dos materiais para as aulas sobre a preparação do romance; mas na sessão específica a que me refiro, Barthes fala de poesia. A poesia, afirma, devia falar parte dos Direitos do Ser Humano (o original era *Droits de l'Homme*, direitos do homem – tradução que prefiro evitar). A poesia é subversiva – e vital – e subtil – e é preciso lutar hoje por ela, talvez já não destruir através dela, já não destruí-la a ela própria, como fizeram os modernistas, talvez seja preciso lutar pela poesia que perdeu tanto da sua força, por causa dessa mesma destruição massiva, e isso é uma forma de crise mas é também a oportunidade de um combate.

Outra citação. Adília Lopes, no livro *Bandolim*:

Aos 21 anos, consultei uma psicanalista medonha. O consultório dela era uma casinha que me lembrou logo a casinha de chocolate. Foi o que me valeu. A literatura salvou-me sempre. Pensei com os meus botões enquanto pude pensar com os meus botões: sei muito bem quem é esta mulherzinha! És a bruxa da casinha de chocolate! já percebi tudo. Tenho de ser muito esperta se quero sair daqui com vida. Fui muito esperta. (2016: 120)

E foi – muito esperta ao convocar essa poesia, ou literatura para a infância, de modo a compreender o mundo. Esta possibilidade de Adília salvar Adília – «A literatura salvou-me sempre» –, através de um universo literário, de uma referência a um texto que se passa noutro mundo, é aquilo que lhe permite esclarecer este mundo. Quantas vezes, perante estas psicanalistas medonhas, perante instituições como a medicina, é possível fugir – ou pelo menos interpretar a existência a partir de uma narrativa anterior, interpretar este mundo através de outro mundo. Suponho que não preciso de mais argumentos para justificar que vale a pena lutar pela poesia.

Foi de tudo isto que se falou durante seis anos. Durante seis anos, experimentou-se ler autores como Adília Lopes, Alberto Pimenta, Ana Luísa Amaral, Eça de Queirós, Golgona Anghel, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, José Craveirinha, Herberto Helder, Louise Glück, Luís Vaz de Camões, Manuel Gusmão, Marguerite Duras, Patrícia Lino e tantos outros que não posso listar aqui. E para ler estas autores – dezenas e dezenas – convocaram-se teóricos como Ailton Krenak, Eduardo Viveiros de Castro, Emanuele Coccia, Giorgio Agamben, McKenzie Wark, Rosa Maria Martelo, Vladimir Safatle, Walter Benjamin..., e de novo a lista é resumida a um essencial, quando ela poderia, deveria continuar.

Ao mesmo tempo, os seminários permitiram falar de literatura, e muitas vezes de poesia. Mas também se falou de música, por exemplo: de samba. Falou-se de cinema, por exemplo: de Glauber Rocha. Falou-se de jogos electrónicos para pensar a salvação do mundo; de arte pública e suas vantagens; de teatro recente, e do modo como galvaniza ou não um público. Falou-se de como todos estes objetos permitem um gesto político de resistência, em nome de valores ameaçados. Falou-se de

como politicamente essa resistência permite sobreviver aos traumas da História e fazer o trabalho de luto pelos horrores dos últimos séculos – ou milênios. Falou-se de política em termos de activismo mas também artivismo, do modo como a arte se torna política e se faz resistência. Falou-se muito concretamente da criação de mundos *queer*, marginalizados, militantes. Falou-se da *doxa*, de preconceitos, e também do dismantelamento dessa *doxa* através da ironia. Falou-se do tempo e da sua aceleração, mas também da possibilidade de inventar novos ritmos para a experiência humana; fez-se o elogio da pausa e pensou-se a contemplação da e pela fotografia, da e pela pintura, ou do próprio livro. Falou-se da relação com o mundo natural e de crise ecológica; falou-se nomeadamente de uma relação com o planeta que não fosse já antropocêntrica, e também da dificuldade, quase impossibilidade, de abandonar o antropocentrismo. Falou-se de generosidade, atenção, bondade, beleza, e também da possibilidade de a bondade e a beleza coincidirem – ou não: testou-se uma conciliação entre ética e estética. E falou-se de outros povos, que não apenas os pós-modernos e ocidentais. Coincidência ou não, falou-se muito do Brasil e de povos indígenas brasileiros. Em português (ou inglês), falou-se de homens e mulheres cujas línguas eventualmente não dominamos mas junto dos quais vamos buscar um modelo ou contra-modelo que nos pareceu particularmente inspirador.

Partilho então uma citação de Alik Wunder, fotógrafa, pesquisadora e professora na Unicamp:

Para o povo Guarani a palavra garganta, *ñe'e raity*, carrega o sentido de ninho das palavras-alma, é lugar onde germinam palavras novas. Para elas eles e muitos povos indígenas, é no sopro da voz que nascem as palavras, na relação entre o vento e o interior do nosso corpo. Desse sopro novo nascem mundos. O que aprendo com as/os indígenas é que a palavra falada cria mundos, age e transforma. (2022: 53)

Quando cheguei a estas linhas no livro colectivo *Jenipapos. Diálogos sobre viver*, que recolhe palestras de pensadores indígenas, soube imediatamente que a queria trazer para este saldo. De um sopro novo nascem mundos – a palavra falada cria mundos – palavras-alma – palavras novas – sentido de ninho: tudo isto me parece muito produtivo.

No mesmo livro, gostava de citar também Trudruá Dorrico, uma poetisa e pesquisadora de literatura indígena:

Toda vez que minha mãe vai plantar, ela pede licença para a terra. A partir de seu exemplo, aprendi mais tarde que também devo fazê-lo com mais seriedade. Quando menina, repeti incansavelmente o gesto para ir no quintal, para entrar no rio Madeira, para entrar na mata. Pedir licença para entrar em um território é um princípio indígena que consagra todos os seres não humanos com os quais coexistimos. Ultimamente, tenho pedido

licença para entrar nesse território do texto, do livro, devastado pela monocultura da história, da literatura brasileira únicas. (2022: 189)

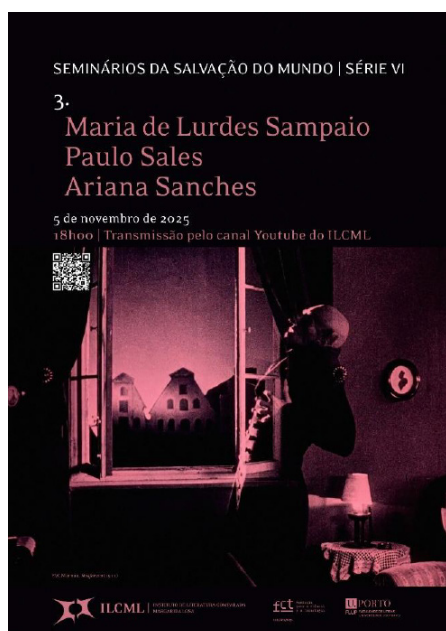
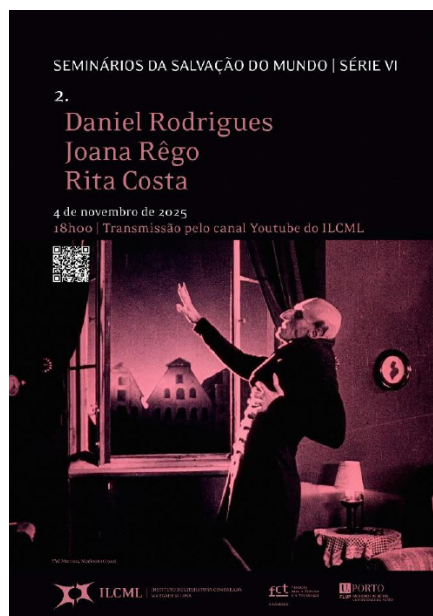
Páro de citar aqui – mas vale a pena conhecer o texto completo. A mãe de Trudruá Dorrico pedia licença à terra antes de plantar, a própria Trudruá Dorrico vai pedindo licença para entrar no quintal, no rio, na mata, num qualquer terreno. Desta vez a solução não está na literatura, mas neste gesto ritual de pedir licença à terra para entrar nela, como quem entra num território que não lhe pertence, e isto é um facto: a terra não nos pertence, estamos aqui de passagem, a terra é-nos emprestada. O que não temos muitas vezes é a consciência desta necessidade de pedir licença para entrar, atravessar, colher um fruto. A minha proposta – estou prestes a terminar o meu saldo – é que talvez valha a pena regressar a este gesto: «pedir licença», em vez de invadir, extrair, esgotar o mundo que nos cerca.

*

Queria terminar agradecendo muitíssimo a tod@s @s que ajudaram a pensar esta ideia de salvação do mundo. Todas estas vozes que se foram encontrando e lendo umas às outras. Quantas vezes, no momento do debate, se tornou claro como as vozes dialogavam e se reconheciam, ou discordavam – o que é igualmente fundamental. Tenho o enorme contentamento de olhar para atrás e ver a multiplicidade de vozes que aceitaram o repto dos Seminários.

Quero agradecer a Lurdes Gonçalves por todo o apoio: desde a criação dos cartazes às transmissões *online*, e daí até às publicações, a Lurdes foi sempre inexcedível no acompanhamento destes encontros.

E queria, para acabar, fazer um comentário aos cartazes da última série. Naquele momento sempre um pouco crítico em que tenho de procurar imagens, ocorreu-me que valeria a pena usar uma sequência de fotogramas de *Nosferatu*, de F. W. Murnau (1922). Um filme que tem cerca de um século de existência, distante e presente e tão revisitado em inúmeros *remakes* ou glosas. Um filme com cem anos de distância – e nem vou falar do romance de Bram Stoker –, mas que permanece absolutamente contemporâneo. Dir-se-ia que este mito de um predador morto-vivo continua a ser um dos nossos medos, um tema predilecto do nosso terror – esta criatura das sombras, que se alimenta do sangue dos vivos.



Estamos a escassos minutos de o filme terminar, Nosferatu não deu pelo passar da noite, e eis que, junto à janela, é atravessado pela luz da madrugada e se desfaz em coisa nenhuma: fica transparente, desaparece, e no fim – último cartaz – há apenas uma labareda, um pouco de lume que arde ainda, língua de fogo que nada diz, e pouco durará. No filme de Murnau como no romance que lhe dá origem, e nas suas sequelas ou *remakes*, temos uma ameaça, um anunciado fim da humanidade (o vampiro nunca estará saciado, enquanto houver humanidade), mas ao fim e ao cabo esta ameaça não suporta um simples raio de luz.

Quero propor que Nosferatu é real. Talvez não tenha esta cara, este corpo, estes gestos, aqui mais ou menos simbólicos; mas todos nós reconhecemos os seus avatares. Basta ligar a televisão, basta ver um telejornal. O que esta sequência do filme me diz é que, por mais assustador que seja qualquer Nosferatu (ele joga na política do susto, na política do medo), decerto vale a pena abrir as cortinas, deixar que a luz do sol atravesse o corpo afinal bastante fraco deste morto-vivo, que será apenas um pouco de fogo, um pouco de cinzas, e nada mais.

Notas

* Pedro Eiras é Professor Catedrático de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Investigador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, onde coordena a equipa de pesquisas Intermedialidades. Desde 2005, publicou numerosos livros de ensaios sobre literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, estudos interartísticos, questões de ética. Entre os mais recentes: *Constelações 4* (2025), *O Conhecimento das Trevas* (2024), *A Linguagem dos Artesãos* (2022), *Língua Bífida* (2021). Com *Esquecer Fausto* (2005) ganhou o Prémio Pen Clube Português de Ensaio. Nos últimos anos, tem desenvolvido pesquisas sobre a representação e o imaginário do fim do mundo.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UID/00500/2025 | DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/00500/2025>).

Bibliografia

- Alexandre, António Franco (2021), *Carrocel*, in *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Barthes, Roland (2015), *La Préparation du roman. Cours au Collège de France (1978-1979 et 1979-1980)*, Paris, Seuil.
- Dorrico, Trudruá (2022), «Retomada do pertencimento macuxi: das raízes à floresta», in *Jenipapos. Diálogos sobre viver*, coord. Daniel Munduruku, Darlene Yaminale Taukane, Isabella Rosado Nunes & Mauricio Negro, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte: 188-198.
- Eiras, Pedro (2020), «Saldo e ocultação dos Seminários do Fim do Mundo», in *Materiais para o Fim do Mundo 12*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa: 49-53, <<https://ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/view/30/36/135-2>>.
- (2021), «Nota de abertura» de *Materiais para a Salvação do Mundo 1*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2021: 7, <www.ilclivrosdigitais.com/index.php/ilcld/catalog/view/41/48/164-1>.
- Lopes, Adília (2016), *Bandolim*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Murnau, F. W. (1922), *Nosferatu, eine Symphonie des Grauens*, argumento de Henrik Galeen a partir do romance de Bram Stoker; com Max Schreck, Alexander Granach, Gustav von Wangeheim *et alii*, Prana Film, 95 min.
- Negreiros, José de Almada (2005), *A Invenção do Dia Claro*, ed. fac-similada, Lisboa, Assírio & Alvim.
- O'Neill, Alexandre (1995), *O Princípio de Utopia, o Princípio de Realidade seguidos de Ana Brites, Balada tão ao Gosto Popular Português & vários outros poemas*, in *Poesias Completas. 1951/1986*, 3ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda: 531-547.
- Pina, Manuel António (2013), *Ainda Não É o Fim nem o Princípio do Mundo Calma É Apenas um Pouco Tarde*, in *Todas as Palavras. Poesia reunida (1974-2011)*, 3ª ed., Lisboa, Assírio & Alvim: 5-54.
- Wunder, Alik (2022), «Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma universidade», in *Jenipapos. Diálogos sobre viver*, coord. Daniel Munduruku, Darlene Yaminale Taukane, Isabella Rosado Nunes & Mauricio Negro, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte: 52-61.